

## POEMAS SELECIONADOS GREGÓRIO DE MATOS

### POEMAS RELIGIOSOS

#### 1) Ao braço de Menino Jesus

O todo sem a parte não é todo,/A  
parte sem o todo não é parte,/Mas a  
parte o faz todo, sendo parte,/Não se  
diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o Sacramento está Deus  
todo,/E todo assiste inteiro em  
qualquer parte,/Em qualquer parte  
sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,/ Pois  
que feito Jesus em partes todo,/ Assiste  
cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,/Um  
braço, que lhe acharam, sendo  
parte,/ Nos diz as partes todas deste  
todo.

#### 2) Ao dia do Juízo

O alegre do dia entristecido,/ O  
silêncio da noite perturbado/ O  
resplendor do sol todo eclipsado, / E o  
luzente da lua desmentido!

Rompa todo o criado em um  
gemido,/ Que é de ti mundo?/ Onde  
tens parado?/ Se tudo neste instante  
está acabado,/ Tanto importa o não  
ser, como haver sido.

Soa a trombeta da maior altura,/ A  
que a vivos e mortos traz o aviso/ Da  
desventura de uns, d'outros ventura.

Acabe o mundo, porque é já preciso,/  
Erga-se o morto, deixe a sepultura,/  
Porque é chegado o dia do juízo.

#### 3) O poeta na última hora da sua vida

Meu Deus, que estais pendente em  
um madeiro,/ Em cuja lei protesto de  
viver,/ Em cuja santa lei hei de morrer/  
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,/Pois  
vejo a minha vida anoitecer,/ É, meu  
Jesus, a hora de se ver/ A brandura de  
um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu  
delito,/ Porém, pode ter fim todo o  
pecar,/ E não o vosso amor que é  
infinito.

Esta razão me obriga a confiar,/ Que  
por mais que pequei, neste conflito/  
Espero em vosso amor de me salvar.

#### 4) Inquietação salvacionista

Como não hei de ter medo/ de um  
pão que é tão formidável/ vendo que  
estais todo em tudo,/e estais todo em  
qualquer parte?/ Quanto a que o  
sangue vos beba,/ isso não, e perdoai-  
me:/ como quem tanto vos ama,/ há  
de beber-vos o sangue?/ Beber o  
sangue do amigo/ é sinal de  
inimizade;/ pois como quereis que o  
beba/ para confirmarmos pazes?/  
Senhor, eu não vos entendo,/ vossos  
preceitos são graves,/ vossos juízos são  
fundos/ vossa ideia inescrutável./ Eu  
confuso neste caso/ entre tais  
perplexidades/ de salvar-me, ou de  
perder-me/ só sei que importa salvar-  
me.

## 5) A Jesus Cristo

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,/ Da vossa alta clemência me despido;/ Porque, quanto mais tenho delinquido,/ Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,/ A abrandar-vos sobeja um só gemido:/ Que a mesma culpa que vos há ofendido,/ Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada/ Glória tal e prazer tão repentino/ Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,/ Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,/ Perder na vossa ovelha a vossa glória.

## 6) Atos de arrependimento e suspiros de amor

Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,/ É verdade, Senhor, que hei delinquido,/ Delinquido vos tenho, e ofendido,/ Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha a vaidade,/ Vaidade, que todo me há vencido,/ Vencido quero ver-me e arrependido,/ Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,/ De coração vos busco, dai-me os braços,/ Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,/ A salvação pretendo em tais abraços,/ Misericórdia, amor, Jesus, Jesus!

## 7) A inconstância dos bens do mundo

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,/ Depois da Luz se segue a noite escura,/ Em tristes sombras morre a formosura,/ Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?/ Se é tão formosa a Luz, por que não dura?/ Como a beleza assim se transfigura?/ Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,/ Na formosura não se dê constância,/ E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,/ E tem qualquer dos bens por natureza/ A firmeza somente na inconstância.

## 8) A Maria Santíssima

Como na cova tenebrosa e escura,/ A quem abriu o original pecado,/ Se o próprio Deus a mão vos tinha dado,/ Podíeis vós cair, ó Virgem pura?

Nem Deus, que o bem das almas só procura,/ De todo vendo o mundo arruinado,/ Permitira a desgraça haver entrado/ Onde havia sair nossa ventura.

Nasce a rosa de espinhos coroada,/ Mas se é pelos espinhos assistida,/ Não é pelos espinhos magoada.

Bela Rosa, ó Virgem esclarecida!/ Se entre a culpa, se vê, fostes criada,/ Pela culpa não fostes ofendida.

## POEMAS LÍRICOS

### **1) Formosura de D.Ângela**

Não vi em minha vida a formosura,/  
Ouvia falar nela cada dia, /E ouvida  
me incitava, e me movia/ A querer ver  
tão bela arquitetura.

Ontem a vi por minha desventura/ Na  
cara, no bom ar, na galhardia/De  
uma Mulher que em Anjo se  
mentia, /De um Sol, que se trajava  
criatura.

Me matem (disse então vendo  
abrasar-me)/ Se esta a cousa não é,  
que encarecer-me. /Sabia o mundo, e  
tanto exagerar-me.

Olhos meus (disse então por defender-  
me)/ Se a beleza hei de ver matar-  
me, / Antes, olhos, cegueis, do que eu  
perder-me.

### **2) Expressão do silêncio do poeta**

Largo em sentir em respirar sucinto,/  
Peno e calo, tão fino e tão  
atento, /Que fazendo disfarce do  
tormento, / Mostro que o não padeço  
e sei que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que  
desminto, / Dentro no coração é que o  
sustento: /Com que, para penar é  
sentimento, /Para não se entender, é  
labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus  
retiros; /Da tempestade é o estrondo  
efeito: /Lá tem ecos a terra, o mar  
suspiros.

Mas oh do meu segredo alto  
conceito! /Pois não chegam a vir à  
tona os tiros/ Dos combates que vão  
dentro do peito.

### **3) Labirinto de suas desconfianças**

Ó caos confuso, labirinto horrendo,/  
Onde não topo luz, nem fio achando;/  
Lugar de glória, aonde estou  
penando; / Casa da morte, onde estou  
vivendo!

Oh voz sem distinção, Babel  
tremendo; /Pesada fantasia, sono  
brando; /Onde o mesmo que toco,  
estou sonhando; /Onde o próprio que  
escuto, não o entendo.

Sempre és certeza, nunca  
desengano; / E ambas pretensões com  
igualdade, / No bem te não penetro,  
nem no dano.

És ciúme martírio da vontade; /  
Verdadeiro tormento para engano; / E  
cega presunção para verdade.

### **4) Impaciência do poeta**

Cresce o desejo; falta o sofrimento;/  
Sofrendo morro; morro desejando; / Por  
uma, e outra parte estou penando, /  
Sem poder dar alívio ao meu  
tormento.

Se quero declarar meu pensamento, /  
Está-me um gesto grave  
acovardando; / E tenho por melhor  
morrer calando, / Que fiar-me de um  
nécio atrevimento.

Quem pretende alcançar, espera, e  
cala; / Porque quem temerário se  
abalança, / Muitas vezes o amor o  
desigualta.

Pois se aquele que espera sempre  
alcança, / Quero ter por melhor morrer  
sem fala, / Que falando, perder toda a  
esperança.

### **5) Envolver-se na confusão dos néscios para passar melhor a vida**

Carregado de mim ando no mundo,/ E o grande peso embarga-me as passadas,/ Que como ando por vias desusadas,/ Faço o peso crescer e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo/ Caminho, onde dos mais vejo as pisadas/ Que as bestas andam juntas mais ousadas/ Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,/ Erra quem presumir que sabe tudo,/ Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,/ Que é melhor neste mundo, mar de enganos,/ Ser louco c'os demais que só, sisudo.

### **6) O poeta muda o soneto pela terceira vez**

Discreta, e formosíssima Maria,/ Enquanto estamos vendo claramente/ Na vossa ardente vista o sol ardente,/ E na rosada face a Aurora fria.

Enquanto pois produz, enquanto cria/ Essa esfera gentil, mina excelente/ No cabelo o metal mais reluzente,/ E na boca a mais fina pedraria.

Gozai, gozai da flor da formosura,/ Antes que o frio da madura idade/ Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o zenith da mocidade,/ Sem a noite encontrar da sepultura,/ É cada dia ocaso da beldade.

### **7) Expressão de amor, mandando perguntar como passava**

Aquele não sei quê, que, Inês, te assiste/ No gentil corpo e na graciosa face,/ Não sei donde te nasce, ou não te nasce,/ Não sei onde consiste ou não consiste.

Não sei quando, ou como arder me viste,/ Porque Fênix de amor me eternizasse,/ Não sei como renasce, ou não renasce,/ Não sei como persiste, ou não persiste.

Não sei como me vai, ou como ando,/ Não sei o que me dói, ou por que parte/ Não sei se vou vivendo, ou acabando.

Como logo meu mal hei de contar-te,/ Se, de quanto a minha alma está penando,/ Eu mesmo, que o padeço, que o padeço, não sei parte?!

### **8) Desenganos da vida humana metaforicamente**

É a vaidade, Fábio, nesta vida,/ Rosa, que da manhã lisonjeada,/ Púrpuras mil, com ambição dourada,/ Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,/ Por mares de soberba desatada,/ Florida galeota empavesada,/ Sulca, ufana, navega destemida.

É nau enfim, que em breve ligeireza,/ Com presunção de Fênix generosa,/ Galhardias apresta, alentos preza.

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa/ De que importa, se aguarda sem defesa/ Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

### **9) Declara-se temendo perder por ousado**

Anjo no nome, Angélica na cara!/ Isso é flor e Anjo juntamente:/ Ser Angélica flor, e Anjo florente,/ Em quem, senão em vós, se uniformara.

Quem vira uma tal flor, que a não cortara,/ De verde pé, da rama fluorescente,/ E quem um Anjo vira tão luzente,/ Que por seu Deus o não idolatrara?

Se pois como Anjo sois dos meus altares,/ Fôreis o meu Custódio e a minha guarda,/ Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que por bela e por galharda,/ Posto que os Anjos nunca dão pesares,/ Sois Anjo, que me tenta e não me guarda.

### **10) Chora o poeta por perdidas esperanças de conseguir Ângela como esposa**

A Deus, vão pensamento, a Deus cuidado,/ Que eu te mando de casa despedido,/ Porque sendo de uns olhos bem nascido,/ Foste com desapego mal tratado.

Nasceste de um acaso não pensado,/ E criou-te um olhar pouco advertido,/ Cresceu-te o esperar de um entendido,/ E às mãos morreste de um desesperado.

Ícaro foste, que atrevidamente/ Te remontaste à esfera da luz pura/ De donde te arrojou teu voo ardente.

Fiar no sol é irracional loucura;/ Porque nesse brandão dos céus luzente/ Falta a razão, se sobra a formosura.

### **11) Expressão de atencioso silêncio do poeta**

Largo em sentir, em respirar sucinto,/ Penoso e calmo, tão fino e tão atento,/ Que fazendo disfarce do tormento,/ Mostro que o não padeço, e sei que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto/ Dentro no coração é que sustento,/ Com que, para penar é sentimento,/ Para não se entender, é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros,/ Da tempestade é o estrondo efeito;/ Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!/ Pois não chegam a vir à boca os tiros/ Dos combates que vão dentro no peito.

### **12) Choro por um bem perdido**

Porque não merecia o que lograva,/ Deixei como ignorante o bem que tinha,/ Vim sem considerar aonde vinha,/ Deixei sem atender o que deixava.

Suspiro agora em vão o que gozava,/ Quando não me aproveita a pena minha,/ Que quem errou sem ver o que convinha,/ Ou entendia pouco, ou pouco amava.

Padeça agora e morra suspirando/ O mal que passo, o bem que possuía;/ Pague no mal presente o bem passado.

Que quem podia e não quis viver gozando/ Confesse que esta pena merecia,/ E morra, quando menos confessado.

### 13) Incentivo para recordar os males no fluxo e refluxo da maré

Seis horas enche e outras tantas vasa/  
A maré pelas margens do oceano/ E  
não larga a tarefa um ponto do ano./  
Porquanto o mar rodeia, e o sol  
abrsa.

Desde a esfera primeira opaca, ou  
rasa./ A Lua com impulso soberano/  
Engole o mar por um secreto cano./ E  
quando o mar vomita, o mundo  
arrasa.

Muda-se o tempo e suas  
temperanças./ Até o céu se muda, a  
terra, os mares./ E tudo está sujeito a  
mil mudanças.

Só eu, que todo o fim de meus  
pesares/ Eram de algum minguante as  
esperanças./ Nunca o minguante vi de  
meus azares.

### 14) A uma saudade

Em o horror desta muda soledade./  
Onde voando os ares a porfia./  
Apenas solta a luz a aurora fria./  
Quando a prende da noite a  
escuridade.

Ah cruel apreensão de uma saudade!  
De uma falsa esperança fantasia./  
Que faz que de um momento passe a  
um dia./E que de um dia passe à  
eternidade!

São da dor os espaços sem medida./  
E a medida das horas tão pequena./  
Que não sei como a dor é tão  
crescida.

Mas é troca cruel, que o fado ordena./  
Porque a pena me cresça para a  
vida./ Quando a vida me falta para a  
pena.

### 15) Pintura admirável de uma beleza

Vês esse sol de luzes coroado?/ Em  
pérolas a aurora convertida?/ Vês a lua  
de estrelas guarnecida?/ Vês o céu de  
planetas adorado?

O céu deixemos; vês naquele prado/  
A rosa com razão desvanecida?/A  
açucena por alva presumida?/ O  
cravo por galã lisonjeado?

Deixa o prado; vem cá, minha  
adorada:/ Vês desse mar a esfera  
cristalina/ Em sucessivo aljôfar  
desatada?

Parece aos olhos ser de prata fina?/  
Vês tudo isso bem? Pois tudo é nada/  
À vista do teu rosto, Catarina.

### 16) Resposta a um amigo em matéria amorosa

Fábio, que pouco entendes de  
finezas!/ Quem faz só o que pode, a  
pouco obriga:/ Quem contra os  
impossíveis se afadiga./ A esse cede  
amor em mil ternezas.

Amor comete sempre altas empresas:/  
Pouco amor, muita sede não mitiga;/  
Quem impossíveis vence, este me  
instiga/ Vencer por ele muitas  
estranhezas.

As durezas da cera o Sol abranda./ E  
da terra as branduras endurece./ Atrás  
do que resiste o raio se anda.

Quem vence a resistência se  
enobrece;/ Quem pode, o que não  
pode, impera e manda./ Quem faz  
mais do que pode, esse merece.

## POEMAS SATÍRICOS

### **1) O poeta descreva a Bahia**

A cada canto um grande conselheiro,/ Que nos quer governar cabana e vinha;/ Não sabem governar sua cozinha/ E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,/ Que a vida do vizinho e da vizinha/ Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,/ Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,/ Trazidos sob os pés os homens nobres,/ Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,/ Todos os que não furtam muito pobres:/ E eis aqui a cidade da Bahia.

### **2) Conselho para quem quiser viver na Bahia estimado e procurado por todos**

Quem quiser viver, seja um Gatão,/ Infeste toda a terra, invada os mares,/ Seja um Chegai, ou um Gaspar Soares,/ E por si terá toda a relação.

Sobejar-lhe-á na mesa vinho e pão,/ E siga os que lhe dou, por exemplares,/ Que a vida passará sem ter pesares,/ Assim como os não tem Pedro de Unhão.

Quem cá se quer meter e ser sisudo/ Nunca lhe falta um Gil que o persiga,/ E é mais aperreado que um cornudo.

Furte, coma, beba e tenha amiga,/ Por que o nome d'El Rei dá para tudo/ A todos que El- Rei trazem na barriga.

### **3) Queixa da plebe ignorante e perseguidora das virtudes**

Que me quer o Brasil, que me persegue?/ Que me querem pasguates, que me invejam?/ Não veem que os entendidos me cortejam,/ E que os nobres é gente que me segue?

Com o seu ódio, a canalha o que consegue?/ Com sua inveja os néscios que motejam?/ Se quando dos néscios por meu mal mourejam,/ Fazem os sábios que a meu mal me entregue.

Isto posto, ignorantes e canalha,/ Se ficam por canalha, e ignorantes/ No rol das bestas a roerem palha.

E se os senhores nobres e elegantes / Não querem que o soneto vá de valha,/ Não vá, que tem terríveis consoantes.

### **4) Conselhos a qualquer tolo para parecer fidalgo, rico e discreto**

Bote a sua casaca de veludo,/ E seja capitão sequer dois dias,/ Converse à porta de Domingos Dias,/ Que pega fidalguia mais que tudo.

Seja um magano, um pícaro, um cornudo,/ Vá a palácio, e após das cortesias/ Perca quanto ganhar nas mercancias,/ E em que perca o alheio, esteja mudo.

Sempre se ande na caça e montaria,/ Dê nova solução, novo epíteto,/ E diga-o, sem propósito, à porfia;

Que em dizendo: "facção, pretexto, efecto"/ Será no entendimento da

Bahia/ Mui fidalgo, mui rico e mui discreto.

### **5) Benze-se o poeta de várias ações que observa na sua pátria**

Destes que campam no mundo/ sem ter engenho profundo,/ e, entre gabos dos amigos,/ os vemos em papa-figos/ sem tempestade, nem vento: Anjo Bento.

De quem com letras secretas/ tudo que alcança é por tretas,/ baculejando sem pejo, / por matar o seu desejo,/ desde a manhã té a tarde: Deus me guarde.

Do que passeia farfante,/ muito prezado de amante/ por fora luvas, galões,/insígnias, armas, bastões,/ por dentro pão bolorento:/ Anjo Bento.

Destes beatos fingidos,/ cabisbaixos, encolhidos,/ por dentro fatais maganos,/ sendo nas caras uns Janos,/ que fazem do vício alarde:/Deus me guarde.

Que vejamos teso andar,/ quem mal sabe engatinhar,/ meio inteiro e presumido,/ ficando o outro abatido/ com maior merecimento:/ Anjo Bento.

Destes avaros mofinos,/ que põem na mesa pepinos/ de toda iguaria isenta,/ com seu limão e pimenta,/porque diz que queima e arde:/ Deus me guarde.

Que pregue um douto sermão/ um alarve, um asneirão,/ e que esgrima em demasia/ quem nunca lá na Sofia/ soube por um argumento:/ Anjo Bento.

Desse santo emascarado,/ que fala do meu pecado,/ e se tem por Santo Antônio,/mas em lutas com o demônio/ se mostra sempre cobarde:/ Deus me guarde.

Que atropelando a justiça/ só com virtude postiça,/ se premeie o delinquente,/ castigando o inocente/ por um leve pensamento:/ Anjo Bento.

### **6) À Bahia**

Tristes sucessos, casos lastimosos,/ Desgraças nunca vistas nem faladas,/ São, ó Bahia! Vésperas choradas/ De outros que estão por vir mais estranhosos.

Sentimo-nos confusos e teimosos,/ Pois não damos remédios às já passadas,/ Nem prevemos tampouco as esperadas,/ Como que estamos delas desejosos.

Levou-vos o dinheiro a má fortuna,/ Ficamos sem tostão, real nem branca,/ Macutas, correão, novelos, molhos.

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,/ E é que, quem o dinheiro nos arranca,/ Nos arrancam as mãos, a língua , os olhos.

### **7) Sátira a um desembargador que prendeu um inocente e soltou um ladrão**

Senhor Doutor, muito bem-vindo seja/ A esta mofina e mísera cidade,/ Sua justiça agora e equidade,/ E letras com que a todos causa inveja.

Seja muito bem-vindo, porque veja/ O maior disparate e iniquidade,/ Que se tem feito em uma e outra idade/ Desde que há tribunais e quem os reja.

Que me há de suceder nestas montanhas/ Com um ministro em leis tão pouco visto,/ Como previsto em trampas e maranhas?



É ministro de império, mero e misto,/  
Tão Pilatos no corpo e nas entranhas,/  
Que solta a um Barrabás e prende a  
um Cristo.

**8) Resposta a um amigo com  
novidades de Lisboa em 1658**

França está mui doente das ilhargas,/  
Inglaterra tem dores de cabeça,/  
Purga-se Holanda, e temo lhe  
aconteça/ Ficar debilitada com  
descargas.

Alemanha lhe aplica ervas amargas,/  
Botões de fogo com que convalesça,/  
Espanha não lhe dá que este mal  
cresça;/Portugal tem saúde e forças  
largas.

Morre Constantinopla, está ungida,/  
Veneza engorda e toma forças  
dobres;/ Roma está bem, e toda a  
Igreja boa.

Europa anda de humores mal regida,/  
Na América arribaram muitos pobres,/  
estas as novas são que há de Lisboa.

